

Invasões e lixo alimentam males

GUILHERME GOULART

DA EQUIPE DO CORREIO

Aagenda de prioridades do Ministério da Saúde funciona como uma espécie de termômetro nacional. Para que uma doença se encaixe na listagem e receba atenção especial em campanhas de prevenção, levam-se em conta pelo menos quatro índices: incidência, predominância, letalidade e expansão territorial. Se a enfermidade se encaixa em todos os perfis, é porque a preocupação das autoridades alcançou o estado de alerta. Além da Aids e da hanseníase, a dengue, leishmaniose e

tuberculose reforçam o temor dos governos federal, estaduais e municipais.

Os últimos três males, classificados entre negligenciados e emergentes, avançam no Brasil e no Distrito Federal (veja arte). Um deles, no entanto, só venceu a fronteira sanitária da capital federal neste ano. O protozoário Leishmania atacou em Sobradinho II. Transmitido pelo mosquito do gênero *Lutzomyia longipalpis* (mosquito-palha), deixou centenas de feridos e quatro pessoas mortas. Ainda matou a menina Renata Santos, 6 anos, moradora da Vila Rebelo II. A morte desencadeou um plano emergencial coordenado pelo Ministério da Saúde nas 16 localidades de Sobradinho II.

Até setembro de 2005, o DF jamais havia registrado casos de leishmaniose. Era mais comum em estados do Nordeste, Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo.

66

A PREOCUPAÇÃO COM AS DOENÇAS DE TRANSMISSÃO VETORIAL É QUE ELAS SE ESPALHEM POR OUTRAS ÁREAS. ELAS MIGRAM COM O MOVIMENTO DAS POPULAÇÕES



Expedito Luna,
do Ministério da Saúde

A estratégia de combate adotada no DF segue a mesma das demais unidades da federação. Investem-se em campanhas de conscientização, matança de cães infectados e dedetização de casas. "A preocupação com as doenças de transmissão vetorial é que elas se espalhem por outras áreas. Elas migram com o movimento das populações", explicou o diretor do Departamento de Vigilância Epidemiológica do Ministério da Saúde, Expedito Luna.

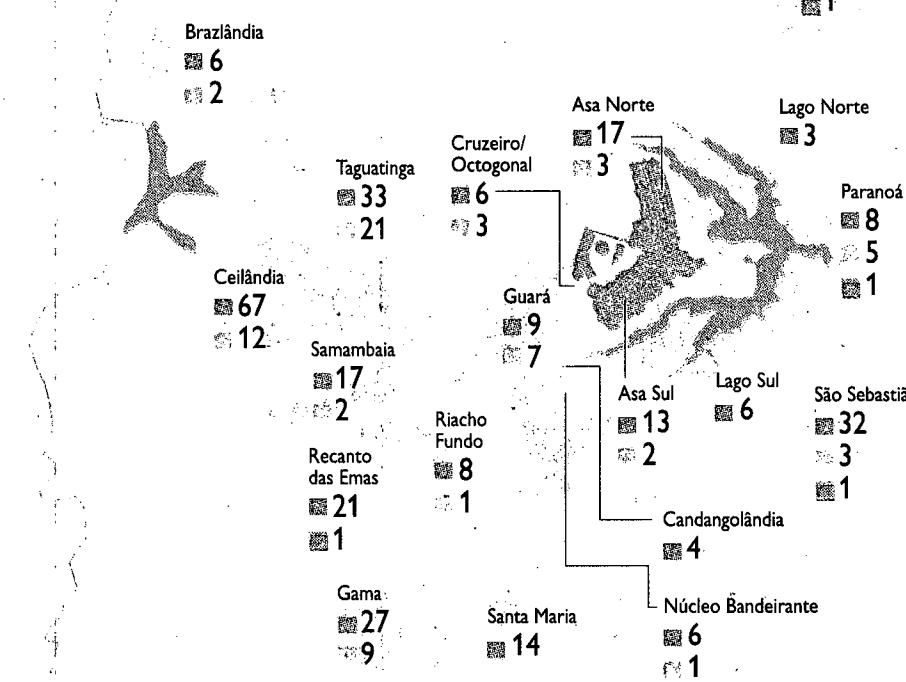
Algumas das enfermidades se desenvolvem com maior facilidade por causa das características de determinadas regiões. Crescimento desordenado, inva-

são de espaços naturais e lixo acumulado transformam cidades do DF em reservatórios de doenças. Uma das que mais preocupa hoje é a dengue. Ela bateu recordes no Brasil em 2006. Goiás, estado vizinho ao Distrito Federal, registra neste ano o maior número de casos desde 1981. A incidência freqüente fez com as autoridades de saúde mudassem a classificação da virose de emergente para "permanecente".

A Secretaria de Saúde do DF confirmou 311 casos de contaminação de dengue na capital do Brasil entre janeiro e novembro de 2006 – 103 tiveram origem no DF (autóctones). O número é 9,1% maior em comparação com o mesmo período do ano passado, quando 285 pessoas (112 autóctones) se infectaram com o vírus. Os registros se concentraram em Sobradinho, Taguatinga e Ceilândia. Para reforçar os cuidados, ocorre hoje o Dia Nacional de Mobilização Contra a Dengue. Educadores da Secretaria de Saúde do DF estarão na Rodoviária do

DF AMEAÇADO

Doenças como leishmaniose, tuberculose e dengue estão na agenda de prioridades do Ministério da Saúde. A primeira delas não existia em algumas regiões do Brasil até este ano, como o DF. Outras perderam o status de emergentes para virarem permanentes. É o caso da dengue



Plano Piloto e no Conjunto Nacional para distribuir folhetos educativos. A proliferação de mosquitos pode ser evitada ao se desfazer de pneus usados e recipientes com água parada.

Mistério

Apesar da queda no número de casos, outra doença que assusta o DF e o Entorno é a hantavirose. O mal transmitido pelo vírus presente nos roedores silvestres virou surto na capital federal em 2004. Foram 37 casos confirmados e 16 mortes. São Sebastião liderou as estatísticas. No ano seguinte, o número de registros caiu para 17 e o de pessoas que perderam a vida, seis. Até novembro deste ano, a Se-

cretaria de Saúde confirmou quatro casos, todos em cidades diferentes do DF. Não houve mortes depois do reforço nas campanhas de educação.

Para as autoridades locais, a quase epidemia de hantavirose teve relação com a falta de informação dos moradores das áreas rurais – também havia pouca capacitação dos próprios profissionais da rede pública de saúde. Uma das vítimas de 2004 foi um fazendeiro de 42 anos.

A família de Luziânia (GO) desconhecia a doença. Inclusive os médicos que a trataram como se fosse uma gripe. "Já estava há vários com os sintomas que hoje a gente sabe de cor. Quando descobriram que não era gripe, não

tinha tempo para mais nada", lamentou a cunhada da vítima, que preferiu não se identificar.

As listas de enfermidades inéditas no DF aumentaram ao ponto de aparecerem casos em que a causa da morte ficou em aberto. O comerciante Marcelo Nóbrega Gomes, 23 anos, perdeu a vida há dois meses.

O jovem de 1.93m e 97Kg não resistiu aos sintomas provocados por uma doença misteriosa. Por seis dias, teve febres súbitas, dores de cabeça e musculares, mal-estar, diarréia e icterícia. Não resistiu após sofrer uma hemorragia pulmonar. Laboratórios do DF e de São Paulo não detectaram o parasita responsável pela morte.

Ceilândia preocupa

No DF, as pesquisas sobre focos de leishmaniose feitas até agora pela Secretaria de Saúde alcançaram São Sebastião, Planaltina, Gama, Ceilândia, Sobradinho II e as invasões da Estrutural e Itapoã. Por enquanto, os agentes constataram a presença do mosquito-palha, transmissor da doença, e de cães infectados pelo protozoário Leishmania em 16 aglomerados urbanos de Sobradinho II. Na Estrutural e no Itapoã, os agentes coletaram sangue dos cães e nenhum tinha a doença. Nas outras áreas, eles procuraram pela presença do mosquito-palha, mas não o identificaram.

Apesar da concentração de casos em Sobradinho II, o trabalho será estendido para mais cidades. Um cão pode sair infectado de Sobradinho e ir para a Ceilândia, com a mudança de seu dono, por exemplo. O animal será inserido em um ambiente que pode ter o mosquito e a contaminação pode começar assim e se espalhar pelo DF, segundo o gerente de Controle de Zoonoses da Vigilância Ambiental da Secretaria de Saúde, Rodrigo Mena Barreto Rodrigues.

As características de urbanização e problemas sanitários de Ceilândia justificam a preocupação da secretaria. Na região administrativa há expansões como o Setor O, que se assemelham muito à Vila Rebelo II e outras áreas propícias ao avanço da doença. Na Vila Rebelo II as ações de prevenção serão intensificadas a partir de segunda-feira com o início da desinsetização e visita às 370 casas do local.